



## **TEXTO INFORMATIVO**

# **DESENHO É LINGUAGEM**

(Kátia Canton)

***Livres para rabiscar e criar, a partir dos dois anos as crianças mergulham no mundo mágico dos desenhos. Através deles, comunicam alegrias, medos, novas descobertas e, acima de tudo, revelam toda a beleza do olhar infantil.***

É preciso retroceder aos tempos da caverna: antes da escrita, o ser humano comunicava-se por meio de imagens inscritas sobre pedras. Pois essa é, mais ou menos, a função do desenho na vida de uma criança. “O desenho não é uma coisa solta e sem nexos. É uma linguagem”, explica Marina Dias Carrasqueira, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. “Enquanto desenha, a criança está organizando o próprio pensamento.”

Vem daí a importância de se decodificar os traços e figuras que ela cria. Esse trabalho começou a ser feito, na verdade, há 60 anos. Na década de 30, o americano Viktor Lowenfeld, e nos anos 60, o seu compatriota Rhoda Kellogg debruçaram-se sobre pilhas e pilhas de desenhos infantis só para tentar compreendê-los melhor. Dessas duas observações sistemáticas surgiram conclusões surpreendentes, como a que garante que pequenos desenhistas aumentam até a capacidade de verbalização. Eles rabiscam muito, pensam mais e falam melhor. Esses estudos foram sendo complementados com o tempo e, atualmente, já se sabe que o desenho infantil vai mudando conforme a idade.

### **Liberdade ao gesto**

“Numa primeira fase, ele é apenas um gesto, uma prolongação da atividade do corpo”, atesta a professora Marina. “Tempos depois, o gesto físico vai levando a criança a pensar, digamos, com a cabeça”.

O resultado visual do processo também vai se alterando. Até os dois anos, a gestualidade é pura, desinibida e resulta em garatujas. Aos três, a criança passa a utilizar o lápis e o papel para buscar outras formas, imitar a escrita e as imagens do mundo exterior. Essa é aquela fase em que os círculos já representam o sol. Ou então eles recebem longas pernas e braços (mais parecem antenas!) que imitam a figura humana. Somente por volta dos seis anos a representação do real conduz as formas mais definidas. “A criança, então, já não está tão maleável. Ela começa a ficar mais crítica, racional e exigente”. Por exemplo: Mariana, cinco anos, gosta de desenhar a casa da avó. Ela surge no papel com telhado, janelas, porta, árvores frondosas no jardim e uma figura feminina, mais parecida com uma boneca de pano. Quem é ela, Mariana?, perguntam-lhe. A artista

dispara: “Não vê que ela é a empregada da vovó? Você percebeu que ela está mostrando a língua para mim?”. Não adianta: só Mariana está preparada para ver essa provocação.

### **Traços de emoção**

Detalhes assim interessam particularmente aos psicólogos. Luíza, nove anos, costuma desenhar casinhas repletas de famílias de animais. As fêmeas são avantajadas, e os machos, franzinos. Essa foi a pista para se diagnosticar um problema sério: a menina ainda não conseguiu criar uma imagem paterna. “Os detalhes dos desenhos merecem uma atenção especial”, adverte a psicopedagoga Giselle Escorel de Carvalho. Em terapias com crianças, Giselle costuma aplicar o teste THP – as iniciais vêm das palavras inglesas “tree” (árvore), “house” (casa), “person” (pessoa). Investigando essas três figuras infalíveis nos desenhos infantis, Giselle avalia o estado emocional. “Um galho da árvore, florido ou não, já demonstra como a criança está situada dentro da família”, garante. “O desenho também estimula e complementa o processo de aprendizagem”, anuncia, por sua vez, a pesquisadora Rosa Iavelberg, professora da Escola da Vila, em São Paulo. Rosa acredita que, nas escolas, pode-se “cultivar” o talento gráfico das crianças não só com finalidades estéticas, mas como um curso de análise do meio social em que a criança vive.

A casinha no alto da montanha, o cachorro com cara de macaco ou o carro com asas de avião são imagens que atraem psicólogos, médicos e educadores que, a seu modo, concordam com as palavras de Matisse sobre a magnitude do olhar infantil. E todos, finalmente, reforçam o seguinte ponto: antes de qualquer coisa, desenhar é brincar. Jamais negue papel e lápis para o seu pequeno artista. Evite conduzir a criatividade dele. E, principalmente, não deixe que nenhuma teoria roube a liberdade de quem sabe projetar o seu mundo em pouquíssimos traços.